CORREIO POPULAR
Publicado em 18/12/2022 - 05:53

Câmara precisa ser menos machista e mais produtiva, defende Debora Palermo

Rodrigo Piomonte

Kamá Ribeiro

A vereadora Debora Palermo, primeira mulher a presidir a mesa diretora da Câmara Municipal de Campinas, comanda sessão ordinária do Legislativo

ENTREVISTA

Debora Palermo condena o machismo na Câmara

Vereadora revela como enfrenta o preconceito na presidência da Casa

Descendente de italianos que chegaram há mais de cinco gerações na região dos distritos de Joaquim Egídio e Sousas para trabalhar nas fazendas cafeeiras da época, a vereadora Debora Palermo (PSC) é a convidada do presidente-executivo do **Correio Popular**, Ítalo Hamilton Barioni, para essa entrevista especial de domingo. Primeira mulher da história do parlamento campineiro a ocupar a presidência da Câmara Municipal, Débora fala sobre o machismo que impera dentro da Casa de Leis e os boicotes que sofreu desde que assumiu a presidência da mesa diretora.

Com uma personalidade inquietante, a vereadora diz que a sua luta é por uma Câmara mais produtiva, plural e renovada. Segundo ela, Campinas merece ter uma política que mire menos os projetos pessoais e o poder e mais as necessidades da cidade. É com esse espírito crítico, ético e pulsante que a vereadora revela, com exclusividade, que atenderá a pedidos e colocará o seu nome na disputa para próxima eleição da mesa diretora da Câmara a ser realizada dia 20 ou 21 próximos, mesmo que as cartas da eleição no Legislativo já estejam distribuídas e marcadas.

A parlamentar discorreu sobre as suas origens, sua ligação com os distritos de Sousas e Joaquim Egídio, onde cresceu, trabalhou e onde mantém residência até hoje. Professora de educação física de formação, Debora fala da profissão, dos quatro mandatos como conselheira tutelar e dos caminhos que a levaram a ocupar o cargo político mais importante da cidade abaixo do prefeito e do vice-prefeito. Débora assumiu a presidência da Câmara em novembro deste ano em meio a uma crise por conta da renúncia de Zé Carlos (PSB), alvo de investigação por corrupção passiva. Casada, mãe e, aos 57 anos, a vereadora eleita com 1.937 votos para a legislatura 2021-2024, conta como tem sido legislar no parlamento campineiro.

A sra. é tipicamente campineira. Fale um pouco da sua ligação com Campinas?

Eu nasci na Usina Salto Grande, em Joaquim Egídio, que foi tombada como patrimônio cultural de Campinas pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Arquitetônico. Meus tataravós eram italianos e portugueses imigrantes que chegaram em Joaquim Egídio. Eram colonos de fazenda. Aquele muro da Fazenda Capoeira Grande em Joaquim Egídio foi o avô do meu avô quem fez. Meu avô contava sempre essa história. Falava que foi o avô dele que construiu aquela fazenda. Eles moravam também na Fazenda de Cabras. A família foi se estabelecendo ali na região. Com o tempo deixaram a fazenda e foram ficando ali, depois passaram a ter um comércio. Meu bisavô que fez o primeiro cinema de Sousas. Sousas naquela época era muito cheia, tinha muitos colonos. Quando acabou o ciclo do café as coisas foram mudando. Meu avô foi trabalhar na CPFL e foi morar na usina Salto Grande. Ele era chefe da usina. Então eu e minhas três irmãs nascemos lá. Meus dois irmãos já nasceram em Sousas. Eu fui para Sousas com 4 a 5 anos de idade.

Além de professora, a sra. tem outras especializações?

Sou professora de educação física formada pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Trabalhei na rede estadual de ensino e fui conselheira tutelar por quatro mandatos atuando na proteção dos direitos das crianças e adolescentes. Tenho especialização em violência doméstica contra crianças e adolescentes pelo Centro de Combate à Violência Infantil, e em proteção ao uso e abuso de substâncias psicoativas pela Universidade Federal de Santa Catarina.

A sra. é bem conhecida como moradora da região dos distritos de Sousas e Joaquim Egídio?

Sempre me mantive em Sousas e Joaquim Egídio. Desde criança, depois vieram os tempos de escola, depois de conselheira tutelar e agora de parlamentar. Dei aula em escolas de Sousas e Joaquim Egídio. Então o pessoal me conhece há muito tempo. Tive a cantina da escola também. Então, quem não foi meu aluno passou pela cantina da escola. Lecionei na Escola Estadual Thomas Alves Doutor, em Sousas, e na escola estadual Francisco Barreto Leme, em Joaquim, na Vila Santana. Cresci e trabalhei sempre ali.

Sua ligação com as crianças e adolescentes veio da atuação como professora. A sra. tem uma filha, correto?

Tenho uma filha advogada, a Carolina. Mas na minha vida como professora minha ligação com as crianças sempre foi intensa. Minha mãe morava na rua do Clube Regatas, em Sousas. Por conta do trabalho com as crianças nas escolas eu sempre era procurada em casa. Quando precisavam de qualquer coisa eles me procuravam lá. E eu vivia ajudando.

E a experiência com o Conselho Tutelar. Foram quatro mandatos?

Quando teve a primeira eleição do conselho tutelar, minha irmã sugeriu eu participar. Decidi e fiz minha inscrição no último dia. Me lembro até hoje da correria que foi juntar toda a documentação. É bem rigoroso. Fui eleita para o meu primeiro mandato em 2006. Fiquei 12 anos no conselho. Sempre trabalhando nessa questão da defesa da criança e do adolescente.

Seu trabalho tinha eco nos meios políticos. Ou seja, o CMDCA tem voz, as demandas são executadas?

Era um trabalho sem muito eco. Eu era coordenadora do conselho Leste. Eu sempre mandava as estatísticas apontando para as políticas públicas para as crianças para Câmara, Prefeitura e nunca um político ouvia. Nada, era sempre sem respostas. Até que teve aquela fase de 15 mil crianças fora da creche. Nós fizemos uma representação no Ministério Público e o prefeito da época, Dr. Hélio teve que construir as escolas Naves Mães. Não demos trégua na luta, porque criança fora da creche não é só um direito violado, é uma porta aberta para outros problemas e crimes, como abusos sexuais, por exemplo. Pois a criança fica na casa de um, de outro. Atendemos muitos casos desse tipo em Campinas. E a atividade é a de sempre estar "brigando", no bom sentido, com o poder público atrás de melhoria. E até dizia na época: "um dia eu vou ser vereadora e vocês vão ter que me engolir. As crianças vão ter voz lá dentro".

Rodrigo Zanotto

A presidente da Câmara, Debora Palermo, visita a sede do Correio Popular

E quando foi que concorreu às eleições pela primeira vez?

Fiquei por dois mandatos no Conselho e em 2012 foi que concorri pela primeira vez às eleições para o cargo de vereadora. Logo que saí do conselho. Eu queria resolver o problema, nunca tinha pensado em política de fato. Eu era filiada ao MDB por conta do Dr. Nivaldo Dóro. Uma vez o dr. Nivaldo foi ao Conselho pedir apoio para uma convenção. Na ocasião ele pediu para o pessoal se filiar. Eu me lembro que disse a ele que eu me filiaria e depois me desfiliaria no dia seguinte. O dr. Nivaldo era muito atuante no CMDCA. E pra resumir: não teve convenção e ele não me desfiliou, e quando eu vi eu estava filiada em um partido político e assim foi possível eu disputar a minha primeira eleição.

E como foi a experiência?

Cheia de fatos inusitados. Na véspera da eleição, cassaram o Dário Saadi, que era candidato a vice do Pedro Serafim, que concorria a prefeito. Com a saída do Dário, o MDB me colocou como vice do Pedro. Me lembro bem. Eu estava na 13 de Maio, tinha feito campanha. Estava com uma campanha muito forte. E meu irmão me liga dando a notícia que ele já tinha escutado na rádio que eu era vice do Pedro com a saída do Dário.

A sra. fez campanha para vereadora e saiu como vice-prefeita?

O partido me indicou. Aí tocou o telefone o Dário. E o Dário me disse para eu ir para a Prefeitura. Fui até o quarto andar da Prefeitura e numa mesa estava o Baleia Rossi, o Dário e o Pedro que vira e diz que ficava ao meu critério aceitar ou não a indicação, mas que fazia muito gosto se eu fosse a vice dele. Ele falou que precisava de alguém e disse que queria que eu fosse. Então assinei e assim comecei minha carreira política.

Foi a eleição que o Pedro Serafim perdeu para o Jonas Donizette. É isso?

Sim. Fiz toda uma campanha para vereadora, mas nos 45 minutos do segundo tempo meu nome saiu como vice-prefeita. Eu tinha muita chance de ser eleita vereadora. Aí voltei para a escola. Fiquei como coordenadora na escola estadual Prof. Adalberto Nascimento por três anos. E voltei para o CMDCA. Prestei prova e depois fui eleita de novo. Fiquei mais um mandato. Me candidatei de novo em 2016. Tive 1.400 votos e não me elegi. Fiquei como suplente. E agora em 2020 me candidatei de novo e fui eleita com 1.930 votos, sem equipe, sem financiamento de ninguém. Praticamente sozinha. Eu e minha equipe, que era eu, minha filha e mais algumas pessoas.

A sra foi eleita pelo PSC, correto. E como foi chegar a vice-presidente da Câmara?

Eu estava no grupo de sete vereadores novatos, de primeiro mandato, e disse que o que eu queria era a presidência da comissão da criança e adolescente. E nosso grupo optou por apoiar o Rossini para o cargo de presidente da mesa diretora. Eu era a única mulher. E no final o Rossini desistiu, e resolveu apoiar o Zé Carlos e me perguntou se eu o apoiaria. Eu reiterei que gostaria da comissão da criança e adolescente, mas disse que seria importante uma mulher compondo a mesa, não precisava ser eu. E o Rossini disse que iria ser vice do Zé Carlos, mas depois abriu mão para eu ser a vice e consegui pegar a comissão da criança e do adolescente. Então o Rossini abriu mão e perguntou se eu viria com os sete do grupo de novatos. Eu disse que poderia conversar com eles. E nosso grupo fechou que o que um decidisse todos apoiariam, era a nossa força naquele momento. E eu acabei ficando como vice para pegar a comissão das crianças e adolescentes.

E acabou se tornando a base do governo e depois a primeira presidente mulher da Câmara, com a saída do Zé Carlos?

Sim, não foi nada planejado. E tem sido um desafio muito grande, principalmente, devido ao momento de crise que o Legislativo atravessa. Mas eu sou muito de trabalhar e muito de desafios. Já havia estudado o regimento interno, lido muitas vezes a Lei orgânica do município também. Então, pegar o jeito da Casa não foi tão difícil. Eu consegui pegar o caminhar da Casa. O que não tem sido fácil é a questão do machismo que existe ali dentro. Quando eu era vereadora eu já havia sentido, mas não tanto quanto agora que estou à frente da mesa diretora.

E como tem lidado com o machismo. Teve recentes episódios de tensão envolvendo um parlamentar durante uma sessão, né?

Como eu disse, não tem sido fácil. Tem tido situações que extrapolam os limites do respeito. Não é porque sou mulher. Não admito falta de respeito com ninguém, muito menos com as mulheres. E tiveram alguns episódios e, sim, este último envolvendo um parlamentar em que eu tive que agir no plenário. Eu já sabia do histórico agressivo desse vereador. Teve uma ocasião em que eu o representei na Justiça quando eu estava no Conselho porque ele agrediu um adolescente que estava no plenário, e que foi meu aluno. O pai do garoto foi ao Conselho e fez a denúncia, e nós o representamos no Ministério Público. Então, se houver desrespeito eu vou mandar retirar do plenário. Não dá para ficar gritando. O plenário é uma coisa séria. Chegou a tal ponto a situação que tive que ouvir desse parlamentar que o plenário era um circo. Aí fiz questão de deixar bem claro, que circo poderia ser para ele, porque para mim aqui não tem nada de brincadeira. Eu não vim para brincar exercer meu mandato. Então criou-se esse desgaste que foi bem chato, mas teve que ser necessário, pois os limites foram ultrapassados.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Popular - Campinas/SP

Seção: Cidades **Caderno:** A **Pagina:** 4

Copyright © Clipclap 2025.